

# CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME LIV • 2015

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JOSÉ RUIVO

*Técnico Superior (Arqueólogo). Museu Monográfico de Conimbriga*  
joseruivo@mmconimbriga.dgpc.pt

PEDRO SALES

*Técnico Superior (Conservador-restaurador). Museu Monográfico de Conimbriga*  
psales@mmconimbriga.dgpc.pt

SANDRA LOURENÇO

*Arqueóloga. Extensão de Torres Novas da Direcção Geral do Património Cultural*  
slourenco@dgpc.pt

PEDRO BARROS

*Arqueólogo. Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática da Direcção Geral do Património Cultural*  
pbarros@dgpc.pt

O TESOURO ROMANO-REPUBLICANO DO CASAL ASCENSO  
ANTUNES (FERREIRA DO ZÊZERE, SANTARÉM, PORTUGAL)

THE ROMAN REPUBLICAN COIN HOARD FROM CASAL ASCENSO  
ANTUNES (FERREIRA DO ZÊZERE, SANTARÉM, PORTUGAL)  
“Conimbriga” LIV (2015) p. 133-156

[http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657\\_54\\_5](http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_54_5)

**RESUMO:** Descoberto ocasionalmente em 2008 à beira das águas da albufeira de Castelo do Bode, este conjunto monetário composto presentemente por 15 denários romano-republicanos vem engrossar o lote dos achados localizados na fachada litoral entre o Tejo e o Douro, ao que tudo indica ocultados durante as guerras sertorianas ou nos anos subsequentes.

*Conimbriga*, 54 (2015) 133-156

PALAVRAS-CHAVE: Ferreira do Zêzere; Tesouros monetários; Época republicana; Guerras sertorianas

ABSTRACT: This coin hoard, actually formed by 15 *denarii* of the Roman Republic, appears to have been occasionally found in 2008, in the shores of the Castelo de Bode dam. We admit its inclusion in the group of the hoards buried in the Portuguese coastline area, between the rivers Tejo and Douro, during the Sertorian Wars (82-72 a.C.) or in the following years.

KEYWORDS: Ferreira do Zêzere; Coin hoards; Roman republic; Sertorian wars

O TESOURO ROMANO-REPUBLICANO  
DO CASAL ASCENSO ANTUNES  
(FERREIRA DO ZÊZERE, SANTARÉM, PORTUGAL)

**Enquadramento**

No verão de 2008, um casal francês encontrou umas “moedas antigas” à borda das águas da albufeira na Barragem de Castelo de Bode junto a um pequeno esporão rochoso, no concelho de Ferreira de Zêzere. Julgamos que nessa altura o conjunto de moedas terá sido entregue à Câmara Municipal, no entanto apenas em 2010 foi possível reestabelecer o contacto com o achador.

Em 2013, este conjunto de 15 numismas foi alvo de um estudo e primeira inventariação efetuado pelo Dr. Rui Palhinha (2013), no âmbito do curso de Técnicas de Arqueologia do Instituto Politécnico de Tomar e apresentado à Câmara Municipal de Ferreira do Zêzere. Neste trabalho consta a localização do achado e o nome do achador, Laurent Vendôme.

No dia 13 de maio de 2013 a Extensão de Torres Novas da Direcção Geral do Património Cultural recebeu por *e-mail* a informação que as moedas se encontravam na posse da Câmara Municipal de Ferreira do Zêzere. Na sequência desta tomada de conhecimento realizou-se, no dia 10 de Outubro, uma reunião nos Paços do Concelho<sup>1</sup> no âmbito da qual houve a oportunidade de observar e avaliar este conjunto numismático, de perceber as circunstâncias do achado, de verificar o alegado local de proveniência e de delinear uma estratégia para o conjunto de numismas que viria a ser entregue pela Autarquia ao Museu Monográfico de Conimbriga (onde se encontra até a autarquia reunir as condições necessárias para o seu retorno ao concelho).

---

<sup>1</sup> Nessa reunião participaram, para além dos arqueólogos da DGPC signatários, o Dr. Hélio Antunes e o Dr. Rui Palhinha em representação da autarquia.

## Local do achado

O local do achado fica junto ao Casal Ascenso Antunes (CNS<sup>2</sup> 35936), na freguesia de Nossa Senhora do Pranto, concelho de Ferreira de Zêzere, encontrando-se a área, aquando da visita, submersa pela água da albufeira de Castelo de Bode, sendo visível apenas uma escarpa rochosa (xisto) com uma inclinação significativa sobre a albufeira (FIG. 1), sem que tenha sido identificado qualquer evidência arqueológica no local, nem o alegado “pequeno esporão rochoso”.

Ora, o atual enquadramento geológico da área da descoberta levantou algumas dúvidas sobre a verdadeira localização do achado, porém, foi-nos comunicado que a uma maior profundidade existe uma pequena enseada, tal como a que era visível para montante aquando desta visita. No âmbito de uma prospeção arqueológica desta última também não se identificaram evidências de ocupação romana do local, tendo-se somente identificado dois fragmentos de cerâmica de cronologia indeterminada.

Consultado o Sistema de Informação Endovélico verifica-se que, do período em que se enquadra cronologicamente este achado numismático, estão inventariados no concelho de Ferreira do Zêzere os povoados de Dornes (CNS 5110)<sup>3</sup> – situado a pouco mais de um quilómetro da área onde terá sido descoberto o achado –, São Pedro do Castro (CNS 6161) e Avecasta (CNS 24772), o que sugere uma ocupação com alguma relevância do território envolvente no período tardo-republicano.

---

<sup>2</sup> Código Nacional de Sítio da Direcção Geral do Património Cultural (DGPC), consultável no Portal do Arqueólogo em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>, Sítios, pesquisa por CNS.

<sup>3</sup> O local possui ocupação da Idade do Ferro. Nas escavações aí realizadas por Leite de Vasconcelos foi recolhido um denário em prata de D. Silanus (RRC 337/3) cunhado em 91 a.C. (RUIVO 1993-1997: 52, n.º 28), havendo ainda referência à presença de ânforas romano republicanas (BATATA 2006: 172; BATATA e ARSÉNIO 2006: 28).

## O conjunto monetário

As moedas estavam guardadas num envelope e individualmente tinham sido envolvidas numa película plástica rígida com indicação em papel do respetivo número de inventário. Estas pareceram ter sido sujeitas a um ligeiro processo de limpeza que terá ocorrido anteriormente à entrega à Autarquia, encontrando-se bastante legíveis, bem como em razoável estado de estabilização. Posteriormente, foram objecto de limpeza e tratamento no Museu Monográfico de Conimbriga, tendo-se constatado que o seu estado de conservação é, de forma genérica, bastante bom (cf. Relatório em anexo).

Não é claro se o número de peças entregues tem correspondência com as inicialmente descobertas ou com o número total de moedas originalmente ocultadas pelo seu possuidor. Dúvidas nos ficam igualmente sobre uma possível presença/ausência de contentor associado ao depósito assim como de outro tipo de espólio associado, nomeadamente peças de ourivesaria, que acompanham, com alguma frequência, depósitos tardo-republicanos<sup>4</sup>.

Os 15 denários do Casal Ascenso Antunes foram cunhados num período de tempo que vai de 134 a 79 a.C., com esta última data a ser balizada por um denário serrado de Caio Naevídio Balbo (RRC 382/1a). A confirmar-se a possibilidade de esta peça representar efectivamente o exemplar mais recente do depósito, o que não é de todo seguro, teríamos aqui um *terminus post quem* para a realização da ocultação. Estaríamos, assim, na presença de um conjunto monetário hipoteticamente integrável no grupo das deposições descobertas na faixa litoral situada entre o Douro e o Tejo associadas ao conflito sertoriano (82-72 a.C.)<sup>5</sup>, ao qual atribuiremos, presentemente, os seguintes achados:

1. Castro de Romariz (Feira), CNS 23: dentro de um vaso de prata encontravam-se 102 denários romanos - o mais recente datável de 74 a.C. (RRC 395/1) - e um denário de *sekobirikes*, bem como uma argola em ouro e um objecto não identificado

---

<sup>4</sup> Assim sucede nos tesouros de Santana da Carnota, Coiço e Castro de Romariz, em princípio contemporâneos do achado do Casal Ascenso Antunes.

<sup>5</sup> A atribuição ao conflito sertoriano - ou a outro qualquer outro acontecimento histórico - de pequenos conjuntos de moedas sobre cuja descoberta muito pouco se sabe, frequentemente incompletos, não está isenta de críticas (RODRÍGUEZ CASANOVA 2011: 358; BLÁZQUEZ CERRATO 2014: 415-417).

- em prata (CENTENO 1976-1977: 209-219; VILLARONGA 1993: 54, nº 123; BLÁZQUEZ 1987-1988: 128, nº 72; BARBOSA 1998-2002: 43, nº 22);
2. Coiço/Cabeço da Mogueira (Penacova), CNS 24779: achado composto por, pelo menos, 20 denários e um pequeno fragmento de torques em prata. A unidade mais recente corresponde a RRC 366/3, de 82-81 a.C. (RUIVO 1998-2002: 145-156; BARBOSA 1998-2002: 35-36, nº 15);
  3. Cabeça da Corte (Soure), CNS 24983: conjunto do qual se terão identificado 158 denários até RRC 394/1, de 74 a.C. (CRAWFORD 1969, nº 300; VILLARONGA 1993: 53, nº 114; BLÁZQUEZ 1987-1988: 128, nº 69; BARBOSA 1998-2002: 41, nº 20) e, eventualmente, um denário de *sekobirikes* (MARTÍN VALLS 1966: 338, nº 32). A notícia inicial de que o conjunto seria originalmente composto por umas 440 unidades parece não se ter confirmado (HIPÓLITO 1960-1961: 62);
  4. Vila Nova/Cabeço de Trás de Figueiró (Ansião), CNS 19153: achado de que se conhecem presentemente 23 denários romanos até RRC 394/1 (74 a.C.) e dois denários ibéricos de *bolskan* (RUIVO 1993-1997: 23-24; BARBOSA 1998-2002: 54, nº 30);
  5. Charneca (Torres Novas), CNS 35937: achado de que apenas se conhecem 5 denários romanos, o mais recente correspondendo a RRC 380/1, de 80 a.C., e um denário ibérico de *bolskan* (HIPÓLITO 1960-1961: 80; CRAWFORD 1969, nº 264; VILLARONGA 1993: 49, nº 98; BLÁZQUEZ 1987-1988: 124, nº 62; BARBOSA 1998-2002: 34, nº 13)<sup>6</sup>;
  6. Região de Santarém: conjunto monetário descoberto em local incerto, do qual se publicaram 192 unidades até RRC 394/1, de 74 a.C. (BARBOSA 1995: 239-244; BARBOSA 1998-2002: 45-49, nº 26);
  7. Chões de Alpompe (Santarém), CNS 245: achado composto por 20 denários, sendo o exemplar mais recente de Mn. Fontei

---

<sup>6</sup> Embora existam referências a um outro hipotético tesouro da zona de Torres Novas (HIPÓLITO 1960-1961: 80, nº 113; RUIVO 1997: 92, nº 6), do qual se conhecem 4 exemplares vistos por VASCONCELLOS (1909: 59), parece bastante provável que, como sugerem HILDEBRANDT (1984: 174, n. 37) e AMELA VALVERDE (1990: 22), estas moedas possam resultar do desmembramento do tesouro da Charneca.

- C.f (RRC 353/1a), datável de 85 a.C. (RUIVO 1999: 106-107; BARBOSA 1998-2002: 35, nº 14);
8. Eira da Alorna (Almeirim), CNS 2165: hipotético depósito, do qual fariam parte pelo menos 6 denários conservados no Museu Municipal de Almeirim, o mais recente do tipo RRC 390/1, datável de 76 a.C. (PIMENTA *et alii* 2014: 287-288);
  9. Santana da Carnota/Quinta de Pancas (Alenquer), CNS 1822: tesouro composto por 134 denários romanos até RRC 390/1, de 76 a.C., dois denários ibéricos - respectivamente de *bolskan* e *sekobirikes* -, 3 colares de prata e 10 brincos de ouro (VIEGAS e PARREIRA 1984: 79-91; VILLARONGA 1993: 49, nº 97; BLÁZQUEZ 1987-1988: 127-128, nº 67; BARBOSA 1998-2002: 45, nº 25);
  10. Columbeira (Bombarral), CNS 1607: conjunto composto por cerca de 980 unidades descobertas no interior de um vaso de barro, das quais se estudaram 165 até RRC 361/1, de 82 a.C. (HIPÓLITO 1960-1961: 75-77 e 152-156; CRAWFORD 1969, nº 248; VILLARONGA 1993: 53, nº 115; BLÁZQUEZ 1987-1988: 123, nº 57; BARBOSA 1998-2002: 37-39, nº 16)<sup>7</sup>.

Atendendo ao diminuto número de peças do achado entendemos não se justificar um comentário desenvolvido acerca da sua composição. Aproveitamos apenas para notar que a maior parte dos exemplares contabilizados foi batida entre 124 e 92 a.C. (FIG. 3) e que a presença de exemplares cronologicamente próximos da data de ocultação/perda do achado é escassa, apenas 5 para um período de 12 anos, diferindo da maioria dos depósitos sertorianos, nos quais o pico máximo de exemplares descobertos costuma centrar-se nos anos 91-79 a.C. (BLÁZQUEZ CERRATO 2014: 421).

A investigação arqueológica tem assistido, nos últimos tempos, a um avolumar dos indícios de significativas movimentações militares na região a norte do Tejo durante o período tardo-republicano (FABIÃO 2014: 9-24), nomeadamente ao tempo do conflito que opôs os partidários de Gaio Mário aos de Lúcio Cornélio Sula e que se materializou em território hispânico na revolta de Quinto Sertório, o comandante

---

<sup>7</sup> Note-se que Mário de Castro Hipólito descreve apenas 128 exemplares, já que as moedas repetidas não foram indicadas na descrição.



romano que se aliou às tribos lusitanas para combater o partido dos *optimates*. Este episódio está, de um modo geral, bem documentado por diversos autores antigos, com particular destaque para Plutarco (*Sert.*), todavia parcos em pormenores inequivocamente alusivos ao desenrolar do conflito na área geográfica em apreço, com excepção de uma breve alusão a uma expedição de Perpenna a Cale (Salústio, *Hist.*, III, 45), talvez na Primavera de 75 (KONRAD 1985: 157-187). Não obstante, a informação coligida nas últimas décadas — com destaque para a identificação de diversos locais com presença militar romana e a descoberta de numerosos achados monetários que parecem encaixar no arco cronológico dos anos 82-72 a.C. (RUIVO 1997: 91-100; ALARCÃO 1999: 4-6; PIMENTA *et alii* 2014: 287-288) — parece sugerir que a região situada entre o Tejo e o Douro terá desempenhado um papel de alguma relevância no decurso do conflito e na sua fase imediatamente posterior, ainda antes da campanha de César (FIG. 2). Jorge de Alarcão chegou, inclusive, a propor a divisão dos tesouros sertorianos em dois grupos:

- 1) tesouros que terminam com moedas dos anos 85-80 a.C., relativamente aos quais equaciona uma hipotética associação às campanhas de Metelo na fachada atlântica a norte do Tejo entre 79 e 78 a.C., acabando, todavia, por decantar-se pela tese de que tais deposições seriam o produto de saques efectuados pelas tropas de Sertório a Sul do Douro;
- 2) tesouros que terminam com moedas até 74 a.C., associados a uma investida das tropas pompeianas na fachada atlântica em perseguição de Perpenna, após o assassinato de Sertório (ALARCÃO 1999: 5-6).

No actual estágio da investigação sobre o tema é de ter em atenção que a cronologia fornecida pelos exemplares mais recentes de cada depósito não é absolutamente fiável, por um lado, porque se encontram maioritariamente incompletos e, por outro, por considerarmos que as próprias datas das deposições podem ir muito para além da cronologia de fecho de cada achado, pelo que não nos parece excessivamente relevante discutir se as ocultações pertencem a esta ou àquela hipotética fase do conflito, mas sim aferir que os dados da arqueologia parecem mostrar que o envolvimento desta região no conflito vai muito para além do que nos foi transmitido pelas fontes clássicas. Um bom exemplo parece ser o fornecido pelos achados arqueológicos efectuados nos

Chões de Alpompe (Santarém), local que parece ter funcionado como acampamento militar. A fazer fê na cronologia dos materiais conhecidos do sítio, o seu abandono parece ser pouco posterior a 81 a.C., eventualmente numa fase inicial do conflito. Já anteriormente admitimos a hipótese de o sítio dos Chões ter servido como guarda avançada de Metelo durante uma ofensiva realizada em 79 a.C. contra Sertório e os seus aliados e depois abandonado (RUIVO 1999: 106, n. 13; RUIVO 2005: 138).

No caso do depósito do Casal Ascenso Antunes, os exemplares mais recentes do conjunto, nomeadamente os de Quinto António Balbo (Cat. 14) e de Caio Naevídio Balbo (Cat. 15) encontram-se muito bem conservados, sem sinais visíveis de desgaste, o que abona em favor de uma escassa circulação e aponta para que, independentemente das incertezas que pairam em torno do achado, a sua ocultação não deva ter ocorrido em data muitíssimo posterior a 79 a.C.

## Catálogo

1. Ti. Minuci C.f Augurini, Roma, 134 a.C., RRC 243/1, 3,63g, 18,7mm.  
A/ Cabeça de Roma, com elmo, para a direita. Atrás, a marca \*.  
R/ Coluna encimada por estátua segurando bastão na mão direita. Na base da coluna, 2 espigas, ladeadas por 2 figuras togadas. Por cima, ROMA e, lateralmente, TI. MINVCI C.F (esquerda) AVGVR[INI] (direita).
2. T. Q, Roma, 126 a.C., RRC 267/1, 3,28g, 18mm.  
A/ Cabeça de Roma, com elmo, para a direita. Atrás, *apex*; à frente, a marca \*.  
R/ Dióscuros a galope para a direita. Por baixo, T Q, com o escudo macedónico de permeio. No exergo, ROM[A].
3. M. Fan C. f, Roma, 123 a.C., RRC 275/1, 3,69 g, 18,3mm.  
A/ Cabeça de Roma, com elmo, para a direita. Atrás, ROMA; à frente, a marca X.  
R/ Vitória conduzindo quadriga a galope para a direita, segurando as rédeas com a mão esquerda e uma coroa com a direita. No exergo, M. FAN C. F.

4. M. Calid, Q. Met, Cn. Foul, Roma, 117-116 a.C., RRC 284/1a, 3,70g, 20mm.  
A/ Cabeça de Roma, com elmo, para a direita. Atrás, ROM[A]; à frente, a marca \*.  
R/ Vitória conduzindo biga a galope para a direita, segurando as rédeas com a mão esquerda e uma coroa com a direita. Por baixo, M. CALID; no exergo, Q. MET.CN.FL.
5. M. Sergi Silus Q, Roma, 116-115 a.C., RRC 286/1, 3,78g, 18,6mm.  
A/ Cabeça de Roma, com elmo, para a direita. À frente EX.SC; atrás, ROMA e a marca \*.  
R/ Cavaleiro a galope para a esquerda, segurando espada e cabeça decepada com a mão esquerda. Por baixo, a letra Q e M. SERGI; no exergo, SILVS.
6. M. Cipi M.f, Roma, 115-114 a.C., RRC 289/1, 3,87g, 16,3mm.  
A/ Cabeça de Roma, com elmo, para a direita. À frente, M. CIPI M.F; atrás, a marca X.  
R/ Vitória conduzindo biga a galope para a direita, segurando as rédeas com a mão esquerda e uma palma com a direita. Por baixo, leme, e, no exergo, ROMA.
7. Ti. Q, Roma, 112-111 a.C., RRC 297/1a, 3,82g, 20mm.  
A/ Busto de Hércules visto de costas, com a cabeça laureada voltada para a esquerda e clava sobre o ombro direito.  
R/*Desultor* para a esquerda, envergando couraça. Atrás, marca de controlo B (sobre ponto); em baixo, TI Q., com um rato (voltado para a esquerda) de permeio.  
Obs.: cunho de reverso descentrado, tendo ficado de fora do campo a legenda D.S.S
8. Ap. Cl, T. Mal, Q. Vr, Roma, 111-110 a.C., RRC 299/1a, 3,62g, 17,7mm.  
A/ Cabeça de Roma, com elmo, para a direita; atrás, símbolo/instrumento(?) quadrangular.  
R/ Vitória conduzindo triga a galope para a direita, segurando as rédeas com ambas as mãos. No exergo, AP.CL.T.MAL. Q.[VR].

9. L. Saturn, Roma, 104 a.C., RRC 317/3b, 3,50g, 19,1mm.  
A/ Cabeça de Roma, com elmo, para a esquerda.  
R/ Saturno conduzindo quadriga a galope para a direita, segurando as rédeas com a mão esquerda e a *harpa* com a direita.  
Por baixo, a marca de controlo C e L. SATVRN.
10. L. Senti C.f, Roma, 101 a.C., RRC 325/1b, 3,48g, 20mm.  
A/ Cabeça de Roma, com elmo, para a direita; atrás [AR] G.PVB.  
R/ Júpiter conduzindo quadriga a galope para a direita, segurando rédeas e raio com a mão esquerda e ceptro com a direita.  
Por baixo, [L.] SENTI C.F. e a marca de controlo Q.
11. L. Piso L.fL.n Frugi, Roma, 90 a.C., RRC 340/1, 3,69g, 17,5mm.  
A/ Cabeça de Apolo, laureada, para a direita. À frente, A.  
R/ Cavaleiro a galope para a direita, com palma. Por cima a letra E; por baixo das patas do cavalo um ponto e, mais abaixo, L. PISO FRVG•I.
12. Q. Titi, Roma, 90 a.C., RRC 341/2, 3,32g, 16,9mm.  
A/ Cabeça de Liber, com coroa de heras, para a direita.  
R/ Pégaso empinado para a direita. No interior de uma cartela, Q. TITI.
13. C. Vibius C.f Pansa, Roma, 90 a.C., RRC 342/5b, 3,58g, 17,3mm.  
A/ Cabeça de Apolo, laureada, para a direita. Atrás, [P]ANSA; à frente, por baixo do queixo, marca de controlo.  
R/ Minerva conduzindo quadriga a galope para a direita, segurando lança e rédeas com a mão esquerda e troféu com a direita. No exergo, C. VIBIVS C.[F].
14. Q. Anto Balb Pr, Roma, 83-82 a.C., RRC 364/1d, 3,66g, 19,1mm (*serratus*).  
A/ Cabeça de Júpiter, laureada, para a direita. Atrás, S.C  
R/ Vitória conduzindo quadriga a galope para a direita, segurando palma e rédeas com a mão esquerda e coroa com a direita. Por baixo, a marca de controlo H e, no exergo, Q. ANTO. BALB PR

15. C. Nae Balb, Roma, 79 a.C., RRC 382/1a, 3,80g, 17,9mm (*serratus*).  
A/ Cabeça de Vénus, com diadema, para a direita. Atrás, S.C; à frente, por baixo do queixo, marca de controlo imperceptível.  
R/ Vitória conduzindo triga a galope para a direita, segurando as rédeas com ambas as mãos. No exergo, C. NAE.BALB

## ANEXO:

### **Intervenção de conservação no tesouro numismático do Casal Ascenso Antunes**

PEDRO SALES

No âmbito de um estudo sobre o presente tesouro numismático, constituído por 15 moedas em liga de prata, foi solicitado ao Laboratório de Conservação e Restauro de Conimbriga a realização do respectivo tratamento de conservação e restauro.

Após uma cuidada observação de cada um dos numismas concluiu-se que estes se encontravam em muito boas condições de conservação e que aparentavam já ter sido objecto de uma pequena limpeza superficial. O estado de conservação era inferior nas moedas nºs 4, 8, 10, 11, 12 e 13 que mostravam uma camada de terras muito ligeira mas concrecionada e aderente, sobretudo na moeda nº 8 (FIG. 4). O exemplar nº 10 apresentava-se mais escurecido (*tarnished*) que os restantes numismas. Ainda duas moedas, a nº 4 e a nº 11, expunham diminutos vestígios de deposição de cobre à superfície (despiciente na constituição das ligas para produção de denários). Ao conjunto foi atribuída a ficha de Laboratório nº 8406.

Todas as moedas foram submetidas a um processo de lavagem intensiva com o intuito de eliminar eventual contaminação de sais do conjunto numismático. Sucedeu-se a limpeza pontual das moedas através de ações mecânico-manuais de escovagem com cerdas finas de nylon® (poliamida) de muito baixa dureza. Para recuperação do lustre da prata, cada um dos numismas foi submetido a uma esfrega suave com algodão embebido numa mistura de solventes aromáticos e de micropartículas de carbonato de cálcio.

A exceção foi a moeda nº 8 que, devido à renitência que apresentou relativamente às metodologias de tratamento descritas, teve que ser sujeita a processo de redução eletrolítica numa solução fraca de ácido fórmico (5%).

Para prevenir a ocorrência de novos fenómenos de corrosão, cada uma das moedas foi lacada com filme de solução de Paraloid® B72 (polimetacrilato) a 3% em tolueno, aplicada a pincel e de molde a estancar o contacto direto das ligas metálicas com a atmosfera exterior.

Após o tratamento as moedas foram acondicionadas em saquetas de polietileno (tipo Minigrip®), possibilitando assim a sua observação sem necessidade de as manusear e, simultaneamente, mantendo-as livres de contaminantes e substâncias poluentes.

**AGRADECIMENTOS:** Gostaríamos de agradecer a Hélio Antunes e Rui Palhinha, da Câmara Municipal de Ferreira do Zêzere, pela possibilidade de procedermos ao estudo da coleção de materiais, e a Virgílio Hipólito Correia, Director do Museu Monográfico de Conimbriga, pelo apoio e disponibilidade manifestada pela instituição. As fotos das moedas que ilustram o catálogo são da autoria de Humberto Rendeiro, Técnico Superior do Museu Monográfico de Conimbriga, a quem dedicamos igualmente uma palavra de apreço. Saliente-se porém que todos estão isentos de responsabilidades nos erros ou omissões deste trabalho escrito em Dezembro de 2015.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1999) - O contexto histórico dos tesouros republicanos romanos em Portugal. In CENTENO, R. M. S., GARCÍA-BELLIDO, M. P. e MORA, G. (eds.), *Rutas, Ciudades y Moneda en Hispânia: Actas del II Encuentro Peninsular de Numismática Antigua*. Anexos *AEspA* 20. Madrid, p. 1-8.
- AMELA VALVERDE, L. (1990) - La circulación monetária romano-republicana durante la guerra sertoriana según las ocultaciones de la época (82-72 a.C.). *Gaceta Numismática* 97-98, p. 19-30.
- BARBOSA, M. B. (1995) - Um tesouro sertoriano da região de Santarém. In CENTENO, R. M. S e GARCÍA-BELLIDO, M. P. (eds.), *La moneda Hispánica: Ciudad y Territorio: Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua*. Anexos *AEspA* 14. Madrid, p. 239-244.
- BARBOSA, M. B. C. S. G. (1995) - Tesouros monetários romanos em Portugal: da República ao reinado de Augustus. *Nummus* 2ª s. 21-25, p.7-144.
- BATATA, C. A. M. (2006) - *Idade do Ferro e romanização entre os rios Zêzere, Tejo e Ocreza*. Trabalhos de Arqueologia 46. Lisboa.
- BATATA, C. e ARSÉNIO, P. (2006) - *Carta arqueológica do concelho de Ferreira do*

Zêzere. Câmara Municipal de Ferreira do Zêzere.

- BLÁZQUEZ, C. (1987-1988) - Tesorillos de moneda republicana en la Península Ibérica. Addenda a Roman Republican Coin Hoards *Acta Numismática* 17-18, p. 105-142.
- BLÁZQUEZ CERRATO, C. (2014) - Huellas militares numismáticas en el occidente peninsular. In *La guerre et ses traces. Conflits et sociétés en Hispanie à l'époque de la conquête romaine (IIIe-Ier s. a.C.)*. Ausonius Éditions (Mémoires 37). Bordéus.
- CENTENO, R. M. S. (1976-1977) - O tesouro monetário de Romariz (Portugal). *Sautuola* 2, p. 209-219.
- CRAWFORD, M. (1969) - *Roman Republican Coin Hoards*. Londres.
- FABIÃO, C. (2014) - Por este rio acima: a bacia hidrográfica do Tejo na conquista e implantação romana no ocidente da Península Ibérica. *Cira Arqueologia* 3 [Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo], p. 9-24.
- HILDEBRANDT, H. J. (1984) - Die Münzen aus Cáceres el Viejo. In Ulbert, G., *Cáceres el Viejo. Ein spätrepublikanisches Legionslager in Spanisch-Extremadura*. Madrider Beiträge Band 11. Mainz, p. 257-297.
- HIPÓLITO, M. C. (1960-1961) - Dos tesouros de moedas romanas em Portugal. *Conimbriga* 2-3, p. 1-166.
- KONRAD, C. F. (1985) - A new chronology of the Sertorian war. *Athenaeum* 83 (1), p. 157-187.
- MARTÍN VALLS, R. (1966) - La circulación monetária ibérica. *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología* 32, p. 207-366.
- PALHINHA, R. M. T. (2013) - *Moedas de origem romana. Achado arqueológico*, Câmara Municipal de Ferreira do Zêzere. Relatório policopiado [processo 2012/1(258)].
- PIMENTA, J., MENDES, H., HENRIQUES, E. (2014) - O acampamento militar romano do Alto dos Cacos- Almeirim. *Cira Arqueologia* 3 [Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo], p. 256-291.
- RODRÍGUEZ CASANOVA, I. (2011) - Tesoros sertorianos en España: problemas y nuevas perspectivas. *Proceedings of the XIVth International Numismatic Congress*. Glasgow I, p. 357-364.
- RRC = CRAWFORD, M. (1974) - *Roman Republican Coinage*. Cambridge (2 vols.).
- RUIVO, J. (1993-1997) - Circulação monetária na Estremadura portuguesa até aos inícios do séc. III. *Nummus* 2ª s. 16-20, p. 7-177.
- RUIVO, J. (1997) - O conflito sertoriano no Ocidente Hispânico. O testemunho dos tesouros monetários. *Archivo Español de Arqueología* 70, p. 91-100.
- RUIVO, J. (1998-2002) - O tesouro do Coiço (concelho de Penacova, distrito de Coimbra). *Nummus* 2ª s. 21-25, p. 145-156.
- RUIVO, J. (1999) - Moedas do acampamento romano-republicano dos Chões de Alpompe (Santarém). In CENTENO, R. M. S., GARCÍA-BELLIDO, M. P. e MORA, G. (eds.), *Rutas, Ciudades y Moneda en Hispania*. Actas del II Encuentro Peninsular de Numismática Antigua. Anexos *AEspA* 20. Madrid, p. 101-110.
- RUIVO, J. (2005) - A presença romana na região Oeste na perspectiva dos tesouros monetários. In *A presença romana na região Oeste*. Actas do Congresso, Bombarral, p. 135-147.

VASCONCELLOS, J. L. (1909) - Achados de moedas romanas da Republica. *O Archeologo Português* 14, p. 58-59.

VIEGAS, J. R. e PARREIRA, R. (1984) - Der Schatzfund von Santana da Carnota (Alenquer/Portugal). *Madri der Mitteilungen* 25, p. 79-91.

VILLARONGA, L. (1993) - *Tresors monetaris de la Península Ibèrica anteriors a August: repertori i anàlisi*. Barcelona.





FIG. 1 – *Vista do local referido onde foi encontrado o conjunto de numismas e a enseada a montante alvo de prospecção arqueológica.*

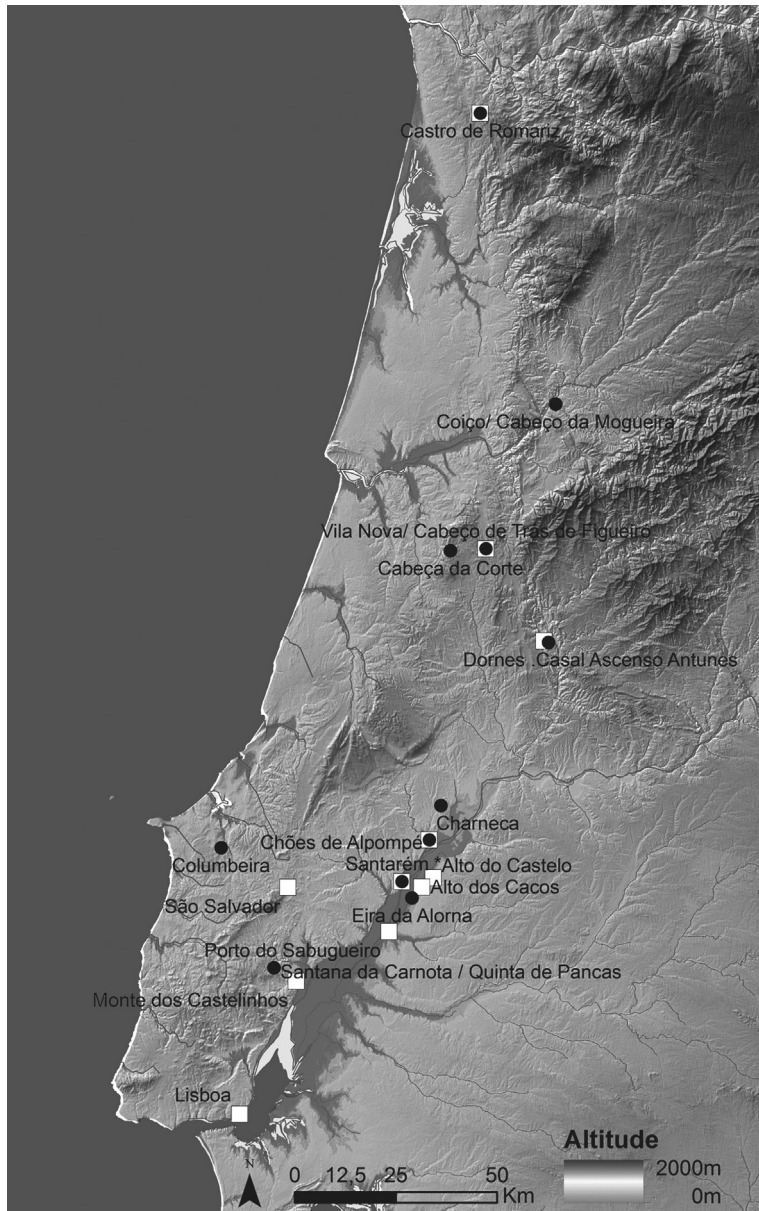


FIG. 2 – *Tesouros atribuídos às guerras sertorianas e alguns dos principais sítios com ocupação tar-do-republicana conhecidos a norte do Tejo.*



1A



1B



2A



2B



3A



3B

Est. I



4 A



4 B



5 A



5 B



6 A



6 B



7A



7B



8A



8B



9A



9B



10 A



10 B



11 A



11 B



12 A



12 B



13 A



13 B



14 A



14 B



15 A



15 B

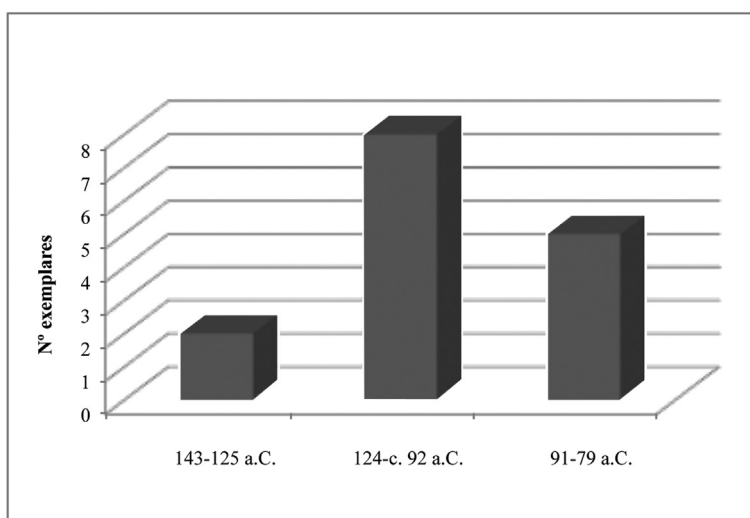


FIG. 3 – Histograma com a distribuição dos numismas do tesouro do Casal Ascenso Antunes.





FIG. 4 – Denário de Ap. Cl. T. Mal. Q. Vr (cf. Catálogo: 8)  
antes e depois do tratamento.